

# Anna Bell

## Daisy e o Amor sem filtros

«A comédia romântica perfeita  
para a geração digital.»

**Louise Pentland**  
Autora bestseller



TOP  
SEL  
LER

*Para Laura Pearse: apesar do peso dos mundos que carregas nos ombros, és uma das mais gentis e atenciosas amigas que se pode ter.  
Obrigada, és uma inspiração.*

# Capítulo Um



Tempo desde o último acesso à Internet:  
32 segundos

— **S**e pudesse levantar um bocadinho mais — digo, puxando a camisa do coitado. — Perfeito, para vermos melhor esses peitorais.

Viro-me para a Erica, a minha melhor amiga, que tem o meu telemóvel pronto.

Franzo os lábios ao de leve e ergo a cabeça para minimizar o risco de uma papada, enquanto rezo para que a iluminação seja fraca o suficiente para ocultar quaisquer vestígios dos cocktails garridos que passámos a tarde a bebericar.

Ajusto uma última vez o top, fazendo com que o decote pareça quase exclusivo para adultos. Tento controlar desesperadamente o peito, o que, por sua vez, me expõe a barriga.

— Raios partam o código de vestuário — resmungo. Só Helen teria amigas que pensariam que «galdéria» seria um bom tema para uma despedida de solteira. Mas era muito *ela*; quando partilhávamos apartamento na universidade, ela saía sempre com o mais reduzido dos conjuntos; mas continuo sem estar habituada a mostrar tanta pele.

— OK, está lindo — grita a Erica enquanto vai fotografando.

Canalizo a minha modelo interior, virando a cabeça para aqui e para ali, enquanto aponto para o peito do desgraçado, como se o anunciasse como prémio de um concurso de televisão.

Com a certeza de que deve ter pelo menos uma boa foto, a Erica devolve-me o telemóvel e eu agradeço ao estranho cujo peito estive a expor. Ele regressa, cabisbaixo, ao grupo de amigos, sem saber ao certo o que aconteceu mesmo agora, mas eles gritam tanto como o meu grupo. O coitado acabou de ser *despedido* pelas solteiras.

— Meu Deus! — exclama a Erica. — Nem acredito que tiveste o descaramento de fazer isto.

— O quê? Foram só os abdominais, não lhe pedi que se des-  
pisse todo — respondo-lhe, analisando as imagens. — Ah, bingo.

Escolho aquela que mostra não só os abdominais dele, mas também o meu beicinho provocante, e envio-a para a madrinha de casamento. Também a publico no *Twitter*, para que a nossa amiga Amelie a veja, e numa questão de segundos já tenho o *like* dela.

— Nem acredito que a Amelie não está aqui nestas andanças — digo eu, pensando, para com os meus botões, na sorte que ela teve por estar de viagem de negócios a Nova Iorque naquela semana, podendo testemunhar a humilhação das roupas reduzidas e dos desafios ridículos a partir do conforto do quarto de hotel. Garantidamente, não estará a confrontar-se com o dilema constante de saber se estará ou não a mostrar um mamilo ou o fio dental sempre que se mexe.

— Acho que fui a primeira a completar o desafio — concluo, olhando para os outros elementos da festa a perseguir as presas pelo bar. — Se calhar já podem tratar dos vossos, meninas.

A Erica e a Tess gemem enquanto reveem a lista de fotografias aceitáveis para o jogo:

Abdominais sexy  
Separados à nascença (celebridades parecidas)

Galinha que quer ser franga  
Fugido do cativoiro  
A primeira a vomitar

— Então e ele? — pergunta a Erica, apontando para um homem a um canto. — Se semicerrares os olhos, ele até parece o Ryan Gosling.

— Se o Ryan Gosling fosse um ruivo de mais de dois metros, não? — retruca a Tess.

A Erica meneia a cabeça.

— OK, talvez seja mais parecido com o do salto em comprimento... tu sabes, aqueles dos Jogos Olímpicos que foi ao *Dança com as Estrelas*.

Introduzo rapidamente esses dados no meu telemóvel.

— Greg Rutherford — anuncio, agradecendo ao *Google*.

— Esse mesmo. Volto já — diz ela, afastando-se para tirar uma *selfie*.

Volto a dirigir a atenção à Tess, mas ela foi a correr na outra direção.

O que é que as despedidas de solteira têm que nos levam a fazer coisas que nunca faríamos no nosso juízo perfeito? Ao dar um gole no meu cocktail, a resposta surge-me: são 3 horas da tarde e já perdi a conta ao álcool que consumi neste dia.

Olho para o bar — que, para sábado à tarde, está apinhado —, cheio com o pessoal das despedidas de solteiro, todos animados e cheios de coragem, na busca pelo prémio do mais barulhento. Enquanto as outras raparigas procuram pela humilhação própria (e alheia) em nome daquela que por enquanto é solteira, é agradável descansar e ter um bocadinho para mim — tem sido um dia carregado de atividades. Começámos com uma aula de desenho ao vivo pela manhã (#AVerMuitasPilasAoPequenoAlmoço), seguido por uma aula de dança no varão (#ACanalizarAMinhaStripperInterior), almoço na OXO Tower (#NhamNham), e agora

estamos a tomar cocktails ao fim da tarde (#ProblemasGarantidos), antes de irmos para a festa logo à noite, a bordo de um barco (#QueVenhaOGregorio).

Sinto o telemóvel a vibrar na mão e olho para o ecrã. Vejo uma mensagem da minha mãe:

Olá, querida. Não te esqueças de que a Rosie faz anos hoje. Até logo, beijos, mãe

Bolas. Como é que me fui esquecer do aniversário da minha irmã?! O *Facebook* devia ter-me avisado! De certeza que ela é uma daquelas mal-educadas que desligam a notificação de aniversário. Estão à espera do quê? Que nos lembremos sozinhas? No ano passado andava a trabalhar tanto que me teria esquecido do meu aniversário se não tivesse começado a receber mensagens de felicitação dos amigos ansiosos assim que bateu a meia-noite.

Esfrego as fronteiras como se me admoestasse a mim própria pelo esquecimento. É claro que ela faz anos; foi uma das primeiras coisas em que pensei quando a despedida de solteira foi anunciada para hoje. Mas com todo o planeamento militar da Zoe, a madrinha da Helen, acabei reprogramada para pensar que não havia mais nada hoje.

Então, mana, espero que estejas a ter um aniversário maravilhoso! O meu postal chegou a tempo? Vou tentar ir ter contigo em breve. Há que tempos! Beijos, Daisy

Envio a mensagem antes de entrar no site do *Moonpig* para encomendar um postal de parabéns rápido, escolhendo a primeira «Irmã» que vejo que não exige que se carregue fotografia. Quando a Erica regressa à mesa, já o escrevi e enviei, e agora posso culpar o serviço de correios por ela não o ter recebido a tempo, *cof-cof*.

— Ficas a saber que, se não fosse por estar com o Chris... — diz ela, piscando-me o olho. — Devias ir lá.

— O quê, e deixar a Zoe furiosa? Isso não vai contra as regras... nada que desvie a atenção da noiva? Além do mais, ele não faz o meu género.

— O quê, alto, bonito e presente na vida real?

— Engraçadinha. Fica a saber que os meus encontros são com pessoas a sério.

— Mm-mmm, e depois rejeita-los por não estarem à altura das personagens que têm online.

— Não tenho culpa que as pessoas mintam deliberadamente nos perfis. Se pelo menos os homens com quem falo no *Tinder* dissessem a verdade...

A Erica ri-se à gargalhada.

— Como tu fazes? A tua foto de perfil é de quando?

— Foi tirada num templo em Chiang Mai e serve para mostrar que sou culta.

— Claro que sim. Não é por ter sido tirada há quatro anos, quando tinhas menos rugas...

— Por acaso é mais por causa do bronzeado lindo que eu tenho, e não por causa das rugas.

— Ah, já tinha saudades disto — diz a Erica. — Há séculos que não estávamos assim. Quer dizer, há séculos que eu não te *via*.

— Eu sei, o trabalho tem sido uma coisa de loucos — concordo, assentindo com a cabeça. — Não tarda, vai acalmar.

A julgar pelas vezes que estava com a minha melhor amiga, ninguém diria que de momento estava a viver no quarto de hóspedes dela.

— Já está — declara a Tess ao regressar em triunfo à mesa. Mostra-nos uma fotografia no seu telemóvel.

— Ele ganha sem dúvida no «Fugido do cativo» — comento, agarrando com mais força a bolsa. — Até parece que saiu do *Polícia em Alerta*.

— Oh, ele é inofensivo. Já lhe dei aulas; não faz mal a uma mosca e é um génio em álgebra.

Eu e a Erica olhamos, surpreendidas.

— Certo, meninas — diz a Zoe, chegando de rompante à mesa. É a madrinha de casamento da Helen e melhor amiga de infância; assume os dois papéis muito a sério. — Obrigada pelas contribuições fotográficas; mais logo avaliamos quem venceu o desafio. Entretanto, consegui-nos uma boa área de sofá para passarmos ao jogo seguinte.

Bate palmas como se nos quisesse apressar, e nós as três ostentamos sorrisos falsos.

— Boa — exclamo, fingindo entusiasmo. Qualquer réstia de entusiasmo genuíno, a par da minha dignidade, já se perdeu há muito, mais ou menos na altura em que vesti um conjunto que faz com que a prostituta da Julia Roberts em *Um Sonho de Mulher* pareça pudica.

— Pelo menos com estes jogos gastamos menos dinheiro — comenta a Tess, tomando a dianteira. Ela tem uma certa razão, o que é bom, pois a despedida de solteira quase precisou de um plano-poupança próprio. A Helen e o noivo vão fugir para Las Vegas, pelo que isto se destina a quem não tem como pagar uma viagem para o casamento a sério. Embora, muito sinceramente, um bilhete de avião para Las Vegas ficasse mais em conta do que aquilo que vou gastar nas atividades de hoje. Dou graças por a Helen ter querido fazer a despedida de solteira em Londres; pelo menos assim, eu e a Erica não precisamos de um hotel onde dormir.

A zona que a Zoe arranjou para o grupo consiste num par de sofás colocados frente a frente, a um canto da sala. A maioria das presentes na despedida de solteira já arrebatou as partes mais confortáveis, pelo que dou comigo empoleirada num braço irregular com a Erica.

— OK, imagino que já tenham jogado ao *Cards Against Humanity*, certo? — diz a Zoe. — Bem, fiz aqui uma versão



para despedidas de solteira. Cada uma recebe seis cartas com respostas, depois a Helen escolhe e lê uma carta de afirmação do baralho, e vocês têm de mostrar a carta de resposta que acham que mais se adequa. Depois, a bela Helen vai escolher a preferida. OK?

Antes que mais alguém diga seja o que for, a Zoe começa a dar as cartas. De certeza que é porque atribuiu um limite de tempo específico para o jogo; toda esta despedida de solteira tem seguido um horário rígido.

Pego nas cartas que recebi e leio-as:

Ter as unhas cortadas  
 Ter um chicote  
 Um bom gancho de direita  
 A posição de missionário  
 Não querer saber  
 Organização e planeamento

Já tinha jogado o *Cards Against Humanity* oficial, e na altura estava bastante embriagada, mas isto parece ser menos ofensivo e escabroso. O que talvez seja melhor, pois não conheço muitas das outras amigas da Helen.

Pego no telemóvel e digito um *tweet* rápido.

Nem queiras saber @amelieMwah vamos jogar ao Cards Against Humanity versão Despedida de Solteira – prepara-te!!!

— Certo, primeira afirmação — diz a Helen, virando a primeira carta com um brilho nos olhos que me diz que está a adorar cada momento do dia. — O segredo para bom sexo é...

As presentes ficam excitadas enquanto relemos as cartas de resposta, procurando o que pareça mais adequado, ou seja, o mais divertido. Sinceramente, as minhas são todas bastante boas

— bem, à parte a da posição do missionário, a menos que isso nos excite. Estou prestes a mostrar «ter as unhas cortadas», mas mudo de ideias e avanço com «ter um chicote».

Partilho a minha resposta num *tweet*, assim como as das outras, tudo a bem da Amelie, claro, para que não se sinta tão excluída. Morámos as cinco juntas na faculdade, e agora é estranho não a ter aqui. Com a Helen de volta à sua York nativa depois do curso, normalmente é ela a ausente do quinteto.

— Acho que a da Erica é a melhor — diz a Helen, com a Erica a dar um bate-punho rápido pela vitória. — O segredo para bom sexo é estar disposto a tudo.

— Mãe nada — diz ela, piscando-me o olho. Ela consegue ser muito competitiva, mas isso faz-me querer vencer a jogada seguinte.

— A chave para um bom casamento é... — lê a Helen, virando a carta seguinte.

— Bolas — digo à Erica. — Isso é que calhava bem com o ter um chicote.

— É sempre uma treta quando começamos logo com o trunfo. Avanço com o meu «um bom gancho de direita» e, obviamente, não me surpreendo quando sou vencida por uma das outras, que apresenta «ficar sempre por cima».

Atualizo o *tweet* para a Amelie, bem como para o resto dos meus 1997 seguidores, os quais, quase aposto, estão entusiasmados à espera do próximo capítulo.

— OK, a seguir: «X» é o pior inimigo de uma mulher — diz a Helen. — Portanto, queremos a resposta no início da frase.

— É uma pena não ter uma carta que diga «despedidas de solteira» — comenta a Erica, dando-me uma cotovelada leve.

Olho para o decote que está continuamente a afundar.

— Bem podes dizê-lo — comento eu, pensando que isso seria uma resposta claramente vencedora.

Olho para as cartas e escolho a única que me resta que parece adequada.

A Helen lê as respostas, acabando por se decidir pela minha.

— Cá está: a posição do missionário é o pior inimigo de uma mulher. Muito bem, Daisy!

Fico radiante, com os cocktails a fazerem-me sentir que acabei de receber um prémio Nobel e não um mero jogo de despedida de solteira.

Não ganho qualquer das restantes jogadas, e rapidamente chegamos ao fim do jogo.

— Muito bem, minhas senhoras. Saímos para o cruzeiro fluvial às 18h40, o que nos dá um quarto de hora para acabarmos as bebidas e ir à casinha. Encontramo-nos à porta — informa a Zoe.

Faço-lhe uma saudação à militar e volto a concentrar-me na minha bebida.

A Erica deixa o sofá e junta-se ao êxodo em massa, com participantes da despedida de solteira a correrem para o bar e para a casa de banho em número igual.

Olho para as minhas respostas no *Twitter* antes de dar uma vista de olhos rápida à minha conta de *Twitter* profissional. Não parece haver nada que não possa esperar por segunda-feira de manhã, ou, pelo menos, pela minha ressaca de amanhã. Neste momento sou responsável pelas redes sociais da agência de marketing onde trabalho, mas mais depressa lanço um *tweet* atrasado do que um *tweet* bêbedo; não sou maluca.

O telemóvel vibra com uma mensagem da minha irmã:

Obrigada, Daisy. Estou a ter um aniversário tranquilo, pois o Rupert está fora em negócios. Não recebi o teu postal, talvez chegue na segunda-feira. Parece que vou estar em Londres na semana que vem, queres almoçar ou jantar na quarta ou na quinta-feira?

Sinto alguns remorsos, não só por me ter esquecido do aniversário dela, mas também por o marido dela nem sequer estar

presente para a levar a um restaurante finório com estrelas Michelin, ou a um spa de luxo, ou lá o que ele faz habitualmente que implique o gasto de somas avultadas de dinheiro. Mas parece que ela está bem. E ainda por cima vamos almoçar juntas na semana que vem, o que significa que não tenho de fazer o esforço de a ir visitar. Não somos as mais chegadas das irmãs; somos mais do género de irmãs que põem a conversa em dia no Natal, em casa da mãe.

Sei que a devia visitar com mais frequência, mas fico sempre ansiosa a pensar que posso estar a percorrer aquela distância toda para depois não termos nada sobre o que falar. Os três anos que nos separam sempre me pareceram uma eternidade enquanto crescíamos, e embora a diferença de idade entre nós já não importe tanto, as nossas vidas continuam a ser muito diferentes. Ela é uma mulher arranjada que se casou e está a viver feliz para sempre, ao passo que eu sou a profissional com azar ao amor.

O trabalho anda complicado, por isso talvez seja melhor almoço. Marcamos para quarta-feira? Beijos

— Bem, a fila para o bar estava de loucos. Toma, bebe isto antes de nos irmos embora.

Olho, desconfiada, para o copo.

— Shots? A sério, já chegámos a esse ponto? Ainda nem são cinco da tarde.

— Algures no mundo são, e acredita, estamos desesperadas a esse ponto. Ouvi falar do jogo que a Zoe planeou para o percurso até ao barco. Vais querer isto.

Com relutância, aceito o copo da Erica e arrepio-me ao cheirá-lo. Tequila. Tento lembrar-me de uma altura em que tenha acontecido alguma coisa positiva depois de beber tequila, mas a maior parte do que se segue está difusa. Se o jogo que a Zoe tem em mente for tão mau como a Erica está a insinuar, talvez não seja má ideia.

A Erica despeja uma saqueta de sal para o pulso dela e depois para o meu.

— Três, dois, um! — grita a Erica, antes de emborcarmos o shot. Enquanto me arrepio com o sabor horrível, ela apresenta-me um quarto de lima. — Não te mexas — diz ela, fotografando-me. — Adorável.

— Aposto que vai ser a minha próxima foto de perfil no *Facebook*. — Rio-me, pegando no telemóvel dela para apreciar a minha cara.

— Mais uma *selfie* para o caminho? — pergunta ela, e ambas empunhamos os telemóveis.

— Pose de galdéria — digo eu, escarnecendo do tema, e ambas fazemos beicinho e acentuamos o decote.

Fotografo rapidamente e faço um esgar ao ver como parecemos embriagadas. Ainda temos horas pela frente; tremo só de pensar nos tesouros que vou encontrar no meu telemóvel pela manhã.

# Capítulo Dois



Tempo desde o último acesso à Internet:  
7 minuto e 13 segundos

Ouç o meu telemóvel a trinar e a minha atenção fica desde logo cativada, qual sonar afinado, enquanto o meu cérebro processa o ruído. Percebo desde logo que se trata de uma mensagem do *Tinder*. Sinto um ligeiro aperto no estômago e o coração a bater um tudo-nada mais depressa com a antecipação. Não que possa ir a correr pegar no telemóvel. Estou demasiado ocupada a ouvir um dos meus colegas de trabalho a tagarelar sobre uma apresentação que tem marcada para a semana que vem. Sinto-me ainda esmagada pelo fim de semana e cronicamente sobrecarregada com o trabalho, pelo que os tons melódicos da pronúncia escocesa quase me adormecem. Felizmente, o apito do telemóvel deu-me uma energia renovada.

Se me apoiar um pouco mais sobre o cotovelo, talvez consiga espreitá-lo, empoleirado na secretária, e verificar o ecrã.

— Então, mandas-mo? — pergunta ele.

— Hum-hum — respondo, desviando o olhar das costas dele e sustendo-lhe o olhar. — É claro.

Não faço ideia do que lhe vou mandar, mas de certeza que mo vai recordar; há bons motivos para ser conhecido no escritório como Maravilhoso Marcus.

— Excelente. Os gráficos do relatório Henderson, a campanha de e-mail do FirstGroupFirst e o relatório Honeybee, tudo num ficheiro de apresentação amanhã de manhã, OK?

Embora aliviada por agora ter conhecimento daquilo com que concordei, não me sinto particularmente impressionada com o tempo disponível. A minha lista de coisas a fazer já está do tamanho do meu braço — e, com 1,75 metros, tenho braços compridos.

Reprimo um bocejo. Estou exausta, mas ainda há muito para fazer antes de poder dar o dia por encerrado.

Vejo as horas no computador; já são 18h30, e devia ter saído há 30 minutos. Lá se vai o sair a horas hoje. Não que isso me surpreenda propriamente. Num bom dia, é raro sair do escritório antes das 19 horas, mas neste momento a nossa agência de marketing está no seu período mais atarefado, pelo que mais valia passar um dia enfiada numa mina de carvão.

O sonho de me deitar na minha cama confortável cedo nesta noite e adormecer tranquilamente é substituído por uma imagem minha a mal conseguir despir-me antes de apagar de exaustão de madrugada, por cima dos cobertores.

Solto um suspiro sonoro. Não é só o meu sono que tem sofrido com o meu horário extenuante, mas também o meu guarda-roupa. Há semanas que não faço uma máquina de roupa. Em teoria, deveria tê-lo feito no domingo, mas estava de tal modo ressacada da despedida de solteira da véspera que o simples facto de pensar no barulho da centrifugação me dava dor de cabeça. Gostava de ter enfrentado o barulho, já que neste momento estou no escritório com um top de seda que faz parte de um conjunto de pijama, uma camisola larga com um braço mais comprido do que o outro, e um par de *leggings* tão puídas que de certeza que

quem olhar para o meu baixo-ventre vai ver o Snoopy estampado na frente das cuecas. Regra geral, faço o possível por ter um aspeto decente quando saio de casa, esforçando-me por criar um conjunto que mereça uma *selfie* ao espelho, mas a única rede social para a qual esta roupa está destinada é um meme sobre «como não sair à rua».

Se não lavar roupa hoje, amanhã tenho de sair com o meu macacão com padrão de leopardo, sem roupa interior. Apesar de o nosso escritório seguir as sextas-feiras casuais, isso seria esticar demasiado os limites aceitáveis do casual, e, além disso, amanhã só é quarta-feira.

Gemo e volto à minha lista de afazeres; estou prestes a dar início ao trabalho do Maravilhoso Marcus quando me lembro da notificação do *Tinder*. Os meus dedos saltam para o telemóvel.

*Por favor, deuses do Tinder, que seja o bonzão que na semana passada aceitei.* Desbloqueio o ecrã e o meu coração sente um aperto de desilusão por não ser uma mensagem dele. É do Dominic, outro indivíduo com quem vou sair. Clico na fotografia e leio a mensagem:

Vou atrasar-me. Pode ser às 19h30?

Tenho de reler a mensagem. Bolas, deve tê-la enviado à pessoa errada, pois só vou encontrar-me com ele amanhã. É óbvio que estará a apalpar terreno, pelo que provavelmente terá encontros todos os dias, tendo ficado confuso. Volto a olhar para a fotografia dele e franzo o nariz ao observá-lo. É giro, mas será que quero mesmo sair com um engatatão em série do *Tinder*? É verdade que não espero declarações de exclusividade antes sequer de nos encontrarmos na vida real, mas pelo menos quero fingir que não estou numa linha de montagem de encontros.

Revejo a minha conversa com o Dominic para me recordar do motivo por que decidi sair com ele logo à partida. As nossas



breves mensagens não passam de conversa ligeira — sobretudo acerca de trabalho e de onde vivemos —, nada muito sério, mas, ao revê-las, leio a mensagem onde marcámos o encontro: terça-feira às sete. Hoje — daqui a meia hora.

— Merda — digo em voz alta, tendo, obviamente, assinalado mal a data na minha agenda. Vou encontrar-me com ele em South Bank; preciso de pelo menos meia hora para lá chegar.

— O que foi? — pergunta a Sara, a minha vizinha de secretária, desviando o olhar do ecrã.

— Esqueci-me de que tinha um encontro hoje. — Volto a olhar para a minha lista de coisas a fazer e marco o que continua a ser urgente. Não tencionava deixar a minha secretária antes de, pelo menos, mais uma hora, provavelmente duas. — Vou ter de cancelar, ainda tenho tanta coisa para fazer.

Detesto desiludir as pessoas, mas não posso ir. E não só por causa do trabalho. Quer dizer, olhem bem para mim. Como se não bastasse ter a roupa completamente desemparelhada, ainda por cima pareço um panda, com as olheiras a destacarem-se na minha pele macilenta; e o mais perto que o meu cabelo esteve de champô esta manhã foi de um frasco de champô seco. Estou de tal modo cansada que mal me lembro do meu nome ao encerrar os e-mails; como posso encantar um estranho com uma conversa espirituosa e sofisticada?

Olho para a fotografia do Dominic, o cabelo louro desgrenhado e os olhos verdes brilhantes. Ele é giro. Imaginem os nossos filhos, ou, melhor ainda, imaginem as fotografias que publicaríamos no *Instagram*: o cabelo louro dele num filtro *Valencia*, com os olhos da cor de esmeraldas...

Além disso, até pedi à Erica que lhe procurasse o CV no *LinkedIn*, e ele é corretor na City, o que significa que tem boas credenciais teóricas. Não que isso seja decisivo, mas talvez signifique que pode, pelo menos, pagar o jantar.

— É o mesmo com quem cancelaste na semana passada?

Deixo pender a cabeça de vergonha, e ela franze-me o cenho. Não tenho coragem de dizer que também cancelara com ele duas semanas antes disso. Fiquei surpreendida quando ele remarcou após o segundo cancelamento — duvido que tenha a mesma sorte pela terceira vez.

— Se há alguém que consegue sair um bocadinho mais cedo, és tu — afiança a Sara, procurando qualquer coisa no tabuleiro. — És a pessoa mais organizada que conheço, com essas tuas listas. Vá lá, uma noite não faz mal, Daisy.

— Mas o Marcus pediu-me um favor e ainda tenho de preparar as reuniões de amanhã. Mas, por outro lado, se não me encontrar hoje com o Dominic, o mais certo é que nunca venhamos a conhecer-nos.

— E se ele for a tua cara-metade? — aventa a Sara, erguendo as sobrancelhas.

A Sara encontra-se numa demanda eterna pela sua cara-metade, ao passo que eu, neste momento, me contentaria com qualquer um. Depois de passar semanas quase inteiras enfiada no escritório, nos últimos tempos, afastei qualquer grande oportunidade de procurar relações profundas e importantes.

— Tens razão. Tenho mesmo de conhecer alguém em breve, ou então o Maravilhoso Marcus e os seus lembretes rápidos vão começar a parecer-me muito atraentes. Achas que ele recapitula antes do sexo? — digo num murmúrio, chegando-me à secretária dela. Esforço-me por usar uma bela pronúncia escocesa: — Agora vou acariciar-te, tu vais lá abaixo, e depois passamos a um trabalhinho de dedos antes de um orgasmo mútuo, está bem?

Os olhos da Sara quase lhe saltam das órbitas e interrogo-me se terei ultrapassado um qualquer limite profissional quanto às conversas decentes, quando me apercebo de que ela está a olhar para trás de mim.

Viro-me e dou de caras com o Maravilhoso Marcus.

A Sara finge que está a escrever no teclado, mas sei que é mentira, pois bate nas teclas a 600 ppp, e nem o Flash era capaz de escrever tão depressa.

— Marcus — exclamo, interrogando-me como vou sair desta enrascada.

— Hum... — Ele olha da Sara para mim e fica de faces afoqueadas. — Vou só pegar na minha *pen* e deixo-vos com aquilo que estão a combinar.

Quase fuge a correr e tento assimilar o que me foi dito.

— Ai, meu Deus, ele não ouviu tudo, pois não? O que, de certa forma, até é bom — digo —, pelo menos assim não sabe que era sobre ele. Mas será que isso quer dizer que ele pensou que eu estava a falar de ti?

— Não, achas? — diz a Sara, tentando reprimir uma gargalhada. — De certeza que a tua pronúncia falsa te revelou.

— Não sei, pareceu-me muito má. Achas que soava escocesa? — pergunto, tentando recriar a pronúncia.

— Por acaso — diz ela, franzindo uma sobrancelha —, acho que parecia mais irlandesa.

— Olha que bom, agora o Marcus vai mesmo achar que estamos a ter um caso. É exatamente a reputação de que preciso aqui no escritório, obrigada.

— Podias arranjar pior do que eu.

— É verdade — digo à Sara, que parece mais à vontade numa passarela do que a uma secretária. — Se eu gostasse de mulheres, estavas no topo da minha lista.

Ela alisa o cabelo e sorri com o elogio.

— Então e esse teu encontro, sempre vais?

— Acho que sim, pois agora preciso de um namorado para mostrar ao Marcus que não sou lésbica. — Rio-me.

Digito uma resposta rápida ao Dominic a confirmar a mudança de horário, ao mesmo tempo que me maldigo por ter

aceitado um encontro nesta semana, logo à partida. Sou gestora de conta numa agência de marketing, e a maioria dos meus clientes é composta por empresas da City que, ao que parece, mandam os relatórios financeiros aos investidores ao mesmo tempo — o que significa que durante o mês que vem vou andar atrás de designers, a falar com a sucursal indiana, onde delegamos a maior parte do trabalho, e a enviar amostras de brochuras ou de campanhas digitais aos nossos clientes para que nos enviem o seu feedback. Não me interpretem mal, adoro o meu trabalho. Dá-me uma grande pica coordenar tudo e entregar um projeto bem-sucedido a um cliente satisfeito. Só gostava que não quisessem os relatórios todos ao mesmo tempo. E como se isso não bastasse, neste momento estou ainda a gerir o *Twitter* da empresa, enquanto o nosso executivo das redes sociais está de férias. Não que andar no *Twitter* e receber por isso seja grande trabalho.

Gemo ao pensar se terei tempo de fazer mais alguma coisa antes de sair. Talvez se me maquilhar no comboio possa dispor de mais meia hora. Olho para a lista e identifico as prioridades absolutas. Sempre posso fazer serão amanhã.

Estou prestes a começar a encontrar o que o Maravilhoso Marcus queria quando o telemóvel apita com uma mensagem no *WhatsApp* da Erica.

A que horas chegas? Estou a pensar fazer chili, se já voltaste a ter apetite! Beijos

Esqueçam o ir para a cama cedo depois de lavar a roupa, ficar a fazer serão *ou* sair com um tipo supergiro. Preferia, de longe, estar no sofá com a minha melhor amiga, a debater a despedida de solteira. Apesar de vivermos juntas, quase não nos vimos desde que ela, na manhã de domingo, ainda num estado ressacado, resmungara que ia a casa do namorado, o Chris.

Vou sair com o Dominic, o tipo do Tinder. Talvez nem vá a casa...

Sei que é mentira, pois as *leggings* estão a esconder o maior de todos os cintos de castidade: uma floresta de pelos. Nem me lembro da última vez que depilei as pernas.

Oh, espero que corra bem! Assim fico com o Chris. Não te esqueças dos updates para sabermos que estás bem. Amanhã à noite saio, mas na quinta-feira falamos, se saíres a tempo do trabalho. Beijos

Respondo rapidamente:

Claro. Beijinhos

É engraçado: pensava que ao morar com a Erica a veria mais, mas, na verdade, nos três meses que passei no apartamento dela, vimo-nos menos. Parecemos navios que se cruzam na noite. Quando vivíamos separadas, marcávamos encontros para falar, agora temos sorte se nos cruzarmos tempo suficiente para dois dedos de conversa enquanto comemos os cereais de pequeno-almoço.

Talvez esta seja outra razão para procurar casa própria. Há seis meses que isso está na minha lista, desde que o senhorio anterior me deu ordem de despejo por ir vender o apartamento que me arrendava. Andei tão ocupada com o trabalho que faltei às marcações para ver outros apartamentos, e dei comigo desalojada. Felizmente, a Erica tem um quarto de hóspedes, ou pelo menos foi levada a acreditar nisso por um agente imobiliário vigarista. Na verdade, mais me parece um armário de vassouras, mas, pelo tempo que lá passo, não tenho problemas em fazer de Harry Potter. E apesar de ter de pagar para guardar a maioria dos meus pertences, a renda

que a Erica me está a cobrar é tão baixa que até tenho conseguido poupar. O que significa que, quando finalmente tiver tempo de procurar outra coisa, talvez possa pagar um sítio melhor do que o meu último apartamento/cave cheio de bolor.

Mas agora não tenho tempo para pensar nisso. Pouso o telemóvel, devolvo a atenção ao trabalho e começo a sentir a adrenalina nas veias. Tento desesperadamente fazer tanto quanto possível e estou lançada. Quase me equiparo à velocidade simulada da Sara. Se conseguisse manter aquele ritmo todo o dia, provavelmente saía sempre a horas.

Envio os ficheiros ao Maravilhoso Marcus e desligo apressadamente o computador. Entre mim e a minha saída está apenas um *tweet* rápido da conta do trabalho para provar à minha chefe Andrea que ainda estou a trabalhar, o que faço a partir do *Tweet-deck* no meu telemóvel. Escrevo rapidamente antes de enfiar o telemóvel na bolsa e *voilà*: Dominic, cá vou eu.

— Pelo menos vais mudar de roupa? — pergunta a Sara, mirando-me de alto a baixo.

— Não tenho tempo, nem nada lavado. Ia lavar roupa esta noite.

Os olhos dela quase saltam com o horror. É claro que sim. Está a usar um vestido cinza com *blazer*, com sapatos bem engraxados. É das poucas pessoas que conheço que não precisam de se vestir de propósito para uma foto de roupa para o *Instagram*.

— Não podes ir assim — exclama ela, horrorizada. Procura na gaveta da secretária e tira de lá uma echarpe. — Toma — oferece, levantando-se e enrolando-a com elegância à volta do meu pescoço. Sem perguntar, despe-me o casaco de malha, abotoa um par de botões e põe-no aos meus ombros, qual homem de meia-idade a desembarcar do iate.

Recua e aprecia o trabalho. Não tenho a certeza, mas imagino que acabou de se aperceber das cuecas do Snoopy, pelo que me tira a echarpe e ata-a à minha cintura como um cinto, dando depois um nó às mangas do casaco à laia de cachecol.

— Pronto — sorri ela. — Não é perfeito, mas acho que estamos a fazer o melhor possível com o que temos.

— Boa, obrigada, Sara.

— Agora só falta o cabelo e a maquilhagem.

— Pois, vou ter de fazer isso no metro. — Vejo-a a franzir o cenho, mas não tenho tempo para mais nada; já são 19h10 e ainda tenho de apanhar o comboio. — Até amanhã.

— Isso se ele não te arrebatou para nunca mais regressares.

Rio-me sarcasticamente e aceno-lhe de saída.

Corro escadas abaixo e faço uma breve pausa junto a um espelho. Posso não conseguir tirar uma *selfie* de corpo inteiro com estas roupas, mas posso fazer uma pose artística com as botas novas. Posiciono meio pé no último degrau e depois tiro uma fotografia do reflexo. Aplico rapidamente um filtro Mayfair e junto a legenda «Encontro escaldante hoje» antes de a publicar no meu *Instagram*. Graças a Deus pelos sapatos limpos, pois não há filtro que transforme o resto da minha roupa em algo capaz de obter os *likes* que nos incham o ego.

Corro pela receção e chego à rua. Não consigo evitar sentir algum remorso por sair ainda com luz, mas cruzo os dedos para que a noite corra tão bem com o Dominic que nos apaixonemos perdidamente, fazendo com que a saída antecipada pareça valer a pena.

# Capítulo Três



Tempo desde o último acesso à Internet:  
22 minutos

**P**ara variar um pouco, a viagem é rápida, e nem me apercebo de que passo 20 minutos desligada do mundo exterior. Estive demasiado ocupada a tentar replicar um tutorial sobre contorno dos olhos que vi no *You Tube* há séculos. Tendo em conta as ferramentas limitadas e o pequeno espelho que tenho à disposição, fico espantada com os resultados.

Chego a Waterloo e dirijo-me à entrada principal. Está um belo fim de tarde de primavera e parece que toda a gente e mais alguém decidiu aproveitar para passear junto ao rio. Abro caminho por entre a multidão, apressando-me a chegar a South Bank, ao mesmo tempo que tento não transpirar e estragar a maquilhagem que apliquei à pressa.

Pego no telemóvel para ver as horas e celebro, pois ainda só são 19h35. Acho que isso nem conta como atraso quando estamos à mercê dos transportes públicos.

Estou a responder a um e-mail do Marcus, a agradecer-me pelo trabalho, quando vejo o Dominic já à porta do bar BFI Riverfront, de bebida na mão.



Estaco, ligeiramente ansiosa, o que faz com que um homem esbarre comigo.

— Desculpe — resmungo, enquanto ele me fulmina com o olhar e segue caminho, a abanar a cabeça.

Mas continuo espantada, pois nem acredito — finalmente alguém que é mesmo parecido com a foto de perfil. Lembra um deus nórdico: cabelo louro e farfalhado realmente magnífico e olhos verdes exatamente da cor de ervilhas congeladas.

Perscruto toda a paisagem de betão de South Bank em busca de um refúgio, de um sítio onde possa, pelo menos, usar um espelho a sério, e não só o meu pequeno compacto sujo de *blush*, para compor o cabelo e a maquilhagem. Avisto o National Theatre e interrogo-me se conseguirei esgueirar-me pelo Dominic.

Pensei que ele seria igual aos outros, culpado pela escolha da única fotografia que o torna um 10, quando, em média, não passa de um 7,5. Estão a ver, tal como eu fiz. Não há hipótese que o meu cabelo mal entrançado e o guarda-roupa improvisado da Sara consigam safar-me.

Estou encurralada, sem saber o que fazer, por isso saco do telemóvel e escrevo um *tweet* breve. Uma mensagem que se destina, sobretudo, à Erica e à Amelie, pois sei que lhes vai arrancar uma gargalhada.

Cuecas sexy 25 £, depilação brasileira 35 £, roupa nova 170 £. Quando o teu encontro do *Tinder* é bom como o milho & vais f\*\*ê-lo até ao tutano = #impagável

Ninguém no *Twitter* precisa de saber o que se passa com as cuecas do Snoopy e com a floresta tropical por baixo das *leggings* puídas. Não me parece que tenha grande hipótese de o fisgar, mas um *tweet* sobre o estado real da nação não me vai fazer ultrapassar os dois mil seguidores, pois não?

Ainda estou a pensar em dar-me mais um toque quando o vejo a olhar na minha direção. Deixa-se fitar-me por um segundo, como se tentasse confirmar que é a mesma rapariga da fotografia, mas felizmente — ou infelizmente — decide que sim e acena-me.

Não tenho alternativa senão ir ter com ele. Quando me aproximo, ele levanta-se para me cumprimentar e vejo-me obrigada a reprimir um arquejo.

Dou comigo a olhar para baixo, já que ele deve ser uns 15 centímetros mais baixo do que eu — e estou de calçado raso. Hesito por um segundo por o meu espécime perfeito de homem *literalmente* não estar à altura, mas só por um segundo — afinal de contas, o que são uns centímetros?

— Daisy? — diz ele, esticando-se, imagino eu, para me beijar a face. Sinto-me a curvar enquanto ele me roça cada bochecha com as dele. — Finalmente encontramos-nos.

Vou ultrapassar a questão da altura, tanto literal como metaforicamente. Ele não parece completamente abismado pelo meu modelito desenrascado à última, portanto, porque haveria eu de me preocupar com a altura dele? Sabemos que o tamanho não importa em outras arenas, por isso será que é assim tão relevante de pé? E depois, que seja mais baixo do que eu? Há muitas mulheres que metem os parceiros debaixo do braço: a Tina Fey, a Sophie Dahl, a Nicole Kidman. Além disso, nunca saí com um homem mais baixo do que eu; talvez seja o que me faltou nestes anos todos.

De resto, sou perfeitamente capaz de esconder a altura dele nas fotos para o *Facebook* se estivermos sempre sentados.

— É um prazer conhecer-te finalmente — cumprimento-o, enquanto me sento.

— Excelente, e então, o que é que gostarias de beber? — pergunta-me, estalando os dedos para chamar a empregada de mesa.

Ali ficamos, ligeiramente embaraçados, enquanto esperamos pela empregada convocada, como se o estalo de dedos tivesse matado qualquer possibilidade de encetar uma conversa. Pego rapidamente numa carta de bebidas, indo desde logo para a secção dos cocktails.

— Quero um Pornstar martíni — digo eu, esperando que sirva para quebrar o gelo.

O Dominic não parece impressionado.

A empregada afasta-se e o Dominic abre a boca, fazendo menção de dizer alguma coisa, mas é interrompido pelo retinir sonoro do meu telemóvel, que ainda tenho na mão.

— Desculpa — resmungo, tentando ignorar a notificação de mais um e-mail do trabalho, e ponho o aparelho em silêncio.

— Não faz mal — responde ele, embora deixe transparecer o contrário. — E se me falasses sobre ti?

— Hum... — Hesito. Ele fita-me tão fixamente que de repente me sinto numa entrevista, acabando por entrar em piloto automático. — Tenho 31 anos, sou gestora de contas de marketing, moro com a minha melhor amiga, a Erica, em Dulwich...

— Pois — diz ele, aquiescendo, como se não fosse nada digno de nota —, e que mais?

— Como assim? — Miro-o, à espera de perceber o que ele possa querer ouvir. Pensava que lhe dera os dados principais: a minha idade (sem mentir); que estou bem empregada; e que moro numa parte boa da cidade. Imagino que isso lhe diga a maior parte do que precisa de saber.

— Quero dizer, e tu? Do que é que gostas? — pergunta-me ele na sua pronúncia peculiar, uma mistura de britânico fino com um toque transatlântico. É como se estivesse a fazer uma imitação grosseira do Lloyd Grossman.

— Ah, pois, do que é que eu gosto — tartamudeio, procurando concentrar-me naquilo que ele perguntou, e não na forma como o disse. — Bom, deixa ver... saio muito com os amigos...

estás a ver, bares, festas... Às vezes vou ver um filme ao cinema, e de vez em quando uma peça de teatro. — Embora deteste, parece bem ser vista ocasionalmente.

— Quer dizer que não tens hobbies? — Parece desapontado.

— Claro que tenho hobbies — digo, em minha defesa. — Quer dizer, toda a gente tem hobbies, não é?

Só tenho de me lembrar quais são. Costumava ser relativamente desportiva durante a faculdade, pertencia ao clube de trampolim e praticava *street dancing*. Sempre quis fazer algum desporto em Londres, mas quando me mudei para cá parecia-me tudo muito caro, e depois, bom, se se perde o hábito, é difícil voltar.

Penso no que faço no meu tempo livre, mesmo sem ter tido muito disso nos últimos meses. Não me lembro da última vez que cozinhei por prazer, e tenho um *Pinterest* cheio de ideias de bricolage que pretendo copiar quando conseguir encontrar bastante tempo e/ou me aperceber de que tenho queda para isso — nenhuma das duas situações me parece muito provável.

Decerto tenho mais algum interesse na vida, não? Percorro mentalmente as minhas imagens do *Instagram*, como se tentasse ativar a memória, e é então que me ocorre.

— Gosto de fotografia — declaro, apercebendo-me de que passo o dia a tirar fotos. O Dominic não precisa de saber que não tenho uma máquina verdadeira.

— A sério? Mas que interessante — diz ele, acenando com a cabeça. — Comprei recentemente uma *SLR Digital* nova. Ainda me estou a habituar a ela, sobretudo às lentes que trazia... estás a ver, como sou iniciante... Talvez me possas dar umas dicas?

Tento impedir que o meu sorriso se esmoreça.

— Sim, com certeza — minto-lhe. A única dica que tenho para lhe dar é que o melhor filtro do *Instagram* quando se está com um aspeto terrível é o *Valencia*, e que o *Mayfair* destaca as bebidas. Não devia ser isso que ele tinha em mente.

— Na semana passada fui jantar ao Shard e bati umas chapas fantásticas com a minha grande-angular. As luzes ficaram todas com efeito *Bokeh* à distância, e apanhei uma fotografia do lusco-fusco perfeita. O meu patrão ficou tão impressionado que agora a temos pendurada numa tela, no escritório.

— Fantástico — digo-lhe, desejando ter escolhido um hobby diferente. — Certa vez tive...

— E depois tenho as fotografias de casamento — continua ele, sem dar pelo facto de que eu queria juntar-me à conversa —, que tirei para um grande amigo. Até as preferiram às fotos do fotógrafo que contrataram. Disseram que capturei os momentos mais espontâneos do dia, por isso usaram muitas das minhas no álbum e nas molduras pela casa.

— Excelente — respondo, aquiescendo perante a modéstia dele.

A empregada chega e pousa o cocktail à minha frente; parece delicioso. Praticamente tenho de me sentar em cima das mãos para não pegar no telemóvel e tirar uma fotografia para partilhar online. Hoje em dia é raro ir comer ou beber sem que o registe, mas, depois daquilo que o Dominic tem estado a dizer, não me sinto capaz.

— Então e que outros hobbies tens?

Imagino que se disser póquer, referindo-me a uma aplicação que tenho no telemóvel, ele me diga que já participou num torneio em Las Vegas.

— Gosto de música ao vivo. Tenho bilhetes para ver os Foo Fighters em Wembley, no fim do verão, e...

— Quem é que não tem? Toda a gente diz que gosta dos Foos.

Abro a boca, fazendo menção de lhe dizer que assisti a todas as digressões britânicas que fizeram, mas, antes de o conseguir, ele já está a contar da vez que teve acesso ao *backstage* para ver o supergrupo do Dave Grohl, o Them Crooked Vultures.

— Então e línguas? — pergunta-me ele, ao concluir a narrativa. — Falas alguma língua estrangeira?

Sinto-me tentada a gracejar, dizendo que falo emoji fluente; por acaso, às vezes, eu e a Erica temos conversas inteiras só com eles. Mas fico com a impressão de que o Dominic, à semelhança do resto da população, não acredita que se trate de uma língua a sério.

— Tirando a língua alemã, que aprendi no secundário, não, mas não a uso desde que...

— Que pena; eu falo francês fluentemente e arranho o italiano e o espanhol. Isso facilita tanto as férias. Detesto quando as pessoas se põem a apontar e a falar inglês mais alto.

— Também eu — concordo, fingindo que não sou culpada disso mesmo.

— Então e o que fazem os teus pais? — pergunta ele, continuando com o interrogatório.

— Hum, a minha mãe é rececionista numa clínica dentária.

— Oh — diz ele —, e o teu pai?

— Era contabilista, mas ele, hum, morreu quando eu era nova.

Fico atrapalhada, pois não costumo gostar de falar da morte do meu pai com estranhos, e isso tende a ser um bocado mórbido para conversa de primeiro encontro.

— Oh, trabalhava na City, era?

— Não, ele trabalhava em Fleet, no Hampshire. É de onde sou.

Acho que o Dominic deve ter sido a única pessoa que já conheci que não respondeu à informação sobre a morte do meu pai com um «lamento», ou que não tenha perguntado a causa. Em vez disso, seguiu em frente.

— Hampshire — repete ele, franzindo o nariz como se lhe tivesse dito que era de onde Judas perdeu as botas. — É um condado grande?

— Não, mas fazemos fronteira com alguns que são.

Ele deixou de tentar ocultar a decepção e ficou com a impressão de que chumbei no exame.

— Então e o que é que fazem os teus pais? — pergunto, pensando que a minha afiliação nunca fora referida num encontro.

— O meu pai é gestor de fundos e a minha mãe era advogada, mas agora é juíza no Supremo Tribunal.

— Certo — digo eu. Faz sentido. — E vivem nos condados centrais?

— Sim, em Sevenoaks.

— São americanos? — pergunto-lhe, tentando averiguar a origem daquele sotaque bizarro.

— Não. Porquê? — diz ele, com um toque de agressividade.

— Oh, parecia-me que tinha ouvido um sotaque, e fiquei a pensar se terias vivido lá... — Calo-me quando o cenho dele começa a franzir-se.

— Por acaso passo lá muito tempo em trabalho. Acho que dá sempre jeito ter uma experiência global de trabalho. Quando me formei, passei um ano a trabalhar em Hong Kong, e se tivesse ficado na empresa, de certeza que voltava a ser destacado para o estrangeiro. Já trabalhaste no estrangeiro?

— Não, mas uma vez tive uma reunião no Dubai que...

— Quem é que não teve? — atalha ele, interrompendo-me no momento em que estou prestes a contar uma história divertida sobre quase ter sido presa por beijar o Maravilhoso Marcus.

Já agora... não houve nenhum beijo, foi só uma pestana que me entrou para o olho. Não que tenha de o esclarecer ao Dominic, que já começou uma diatribe sobre como foi enviado em executiva para uma hora de reunião em Singapura.

O mais estranho quanto aos encontros da Internet é a forma como criamos uma ideia sobre uma pessoa com base em meia dúzia de imagens bem tratadas e mensagens bem revistas. Regra geral, não costumo demorar a sugerir um encontro depois

de começar a enviar mensagens, pois já percebi que quanto mais tempo as mensagens duram, maior a expectativa criada de que a pessoa vá ser o par ideal. No entanto, apesar de não ter criado grande imagem sobre ele, continuo desiludida com o facto de que, em pessoa, o Dominic não tenha atingido a mais baixa das minhas expectativas. Já estabelecemos que, na minha cabeça, ele tinha um palmo a mais, mas pelo menos não era um idiota chapado que não me deixa acabar as frases.

— Vou fumar um cigarro — diz ele, levantando-se da mesa assim que conclui a história.

Nunca me senti tão satisfeita por estar num encontro com um fumador. Por norma, sentir-me-ia um pouco ofendida por um rapaz se ter esgueirado tão depressa, deixando-me sozinha, mas desta vez até estou satisfeita. Vejo-o dirigir-se a South Bank para acender um cigarro, desejando mentalmente que ele pudesse não regressar.

Levo a mão à bolsa, à procura do telemóvel para fotografar o meu martíni, algo que estava mortinha por fazer, mas descubro que estou sem bateria. Revisto a bolsa em busca do carregador, e só depois me apercebo de que não há tomadas. Isso deixa-me um tudo-nada em pânico. E se houver uma emergência? Ou, o que é ainda mais importante: e se tiver de simular uma emergência para fugir deste encontro terrível?

Olho de relance para o Dominic, para tentar distrair-me. Parece que ele não tem problemas de bateria. Vejo-o a usar o telemóvel e, se não me engano, está a passar imagens, fazendo pausas ocasionais e semicerrando os olhos nesses momentos. Reconheço a expressão; está a ver perfis no *Tinder*. É óbvio que também já tomou uma decisão a meu respeito. Pelo menos podia ter passado o serão comigo antes de começar a procurar noutro lado. Não haverá mínimos de decência?

Bebo um gole do meu martíni, que sabe maravilhosamente. Vou bebendo mais, preparando-me para um segundo assalto de



perguntas. O Dominic regressa à mesa e senta-se. Segue-se um silêncio incómodo que paira no ar, a par do cheiro a tabaco.

Estou prestes a sugerir que mais vale desistirmos quando ele estala os dedos à empregada e começa a pedir algo para comer.

— Querias alguma coisa, Daisy?

A empregada já introduziu o pedido dele na máquina que tem na mão e está a fitar-me na expectativa, com uma expressão que diz que não tem tempo para aquilo. Por um lado, talvez me simplificasse a vida dizer que não quero nada, pedir licença e ir-me embora, mas, infelizmente, sou demasiado britânica e educada, pelo que não o posso deixar a comer sozinho. De resto, não comi nada o dia inteiro, além de uns biscoitos recheados duros que encontrei no fundo da gaveta da secretária. Mal tenho tempo de olhar para a ementa, pois a empregada começa a bater o pé e a olhar para a mesa que acabou de ser ocupada.

— Quero o cachorro-quente nu — peço, desta vez sem tentar ser provocadora; foi a primeira coisa que vi.

Ela aquiesce e vai-se embora.

— Então e gostas de viajar, sem ser em trabalho? — pergunta ele, retomando o interrogatório.

— Huum, sim, mas nos últimos anos não tenho tido grande tempo; tenho andado muito ocupada.

— Recentemente fui à Tailândia — diz ele, dando um gole.

— Estive lá há uns anos — intervenho, tentando encontrar alguma coisa em comum. — Numa estância em Ko Samui, e...

— Pois, mas eu fui à Tailândia *a sério* — interrompe ele no seu sotaque bizarro.

O visto no meu passaporte provava que também eu lá estivera, mas não tenho energia para argumentações. Em vez disso, bebo um gole.

— Foi muito espiritual. Fui para um retiro, sem telemóveis, sem Internet, sem os apetrechos da vida moderna.

— Parece... — *Terrível*. — Meditativo.

— Oh, e foi. Fez-me perceber que não queria continuar a trabalhar para os poderes constituídos. Foi então que decidi que queria ser investidor privado. Estive num mosteiro budista fabuloso, numa colina perto de Chiang Rai...

Dá início a uma narrativa sobre o tempo lá passado e eu faço a única coisa ao meu alcance para me abstrair deste encontro horrendo. Bebo. Peço mais uma bebida à empregada de passagem e tento abstrair-me dele, ao mesmo tempo que tento não pensar nas mil e uma coisas que preferia estar a fazer naquele serão.



Uma hora e meia depois, acabámos finalmente de jantar. O Dominic tomou café, eu tomei três martínis, e parece que aquele sofrimento está a chegar ao fim.

Ele chama mais uma vez a coitada da empregada com um estalo irritante e ela deixa-nos a conta numa pequena travessa metálica. Ele pega na conta com uma ferocidade tal que me deixa impressionada com o gesto de cavalheirismo por querer pagar a refeição; estava prestes a procurar o meu cartão de débito para pagar a minha metade, mas ele adiantou-se. Se não tivesse sido tão asqueroso, no geral, isto talvez ajudasse a redimi-lo.

— Portanto, eu bebi três cervejas, comi as costeletas, mais o café e, ah, também pedi aquelas argolas de cebola — debita ele, tirando o telemóvel do bolso e introduzindo os valores.

Observo-o, horrorizada, a descrever cada artigo da nossa conta, e até o acrescento de uma gorjeta partilhada.

— A tua parte são 39 libras.

Oferece-me um sorriso triunfante, entregando-me o papel, para o caso de eu querer confirmar. Dou-lhe uma vista de olhos e percebo que ele não ficaria muito longe do valor final se a tivéssemos dividido; claro que, assim, pelo menos poupei 1,35 libras!

A empregada dirige-se a nós, recebe o pagamento, e fico finalmente livre.

Cristo, nem acredito que saí mais cedo do trabalho para esta tortura. É raro o dia em que preferiria estar presa à secretária ao invés de andar no mundo real, mas este foi um deles.

— Para onde vais? — pergunta-me.

Vejo as horas e, tendo em conta que preciso de um bocado para perceber que são 21h30, decido que estou demasiado embriagada para voltar ao escritório, pelo que vou para casa.

— Vou até Victoria.

— Então faço-te companhia — decide ele.

Fito-o com horror, desejando ter dito que ia apanhar um autocarro.

Andamos num silêncio incómodo, ziguezagueando por entre a multidão na ponte, a caminho do Embankment. Ele resmunga entredentes enquanto procuro o cartão Oyster na bolsa, e, não tarda, estamos na plataforma, à espera do comboio.

— Moras há muito tempo em Dulwich? — pergunta-me.

Solto um gemido mudo. *Será que isto não tem fim?*

— Não muito, uns três meses, talvez quatro. — Isso lembra-me que tenho mesmo de começar a procurar casa.

— Ainda é longe, não? — continua ele. — Prefiro algo mais central. West Kensington é perfeito. Menos de meia hora até à City. E também há menos famílias.

Ranjo os dentes. Neste momento fico satisfeita por Dulwich ser tão longe — quanto mais longe dele, melhor.

Chega um metro e entramos, e, querendo acentuar a minha saída iminente, ignoro os lugares livres e fico junto à porta, para não perder tempo.

— Não sou grande fã da Margem Norte — minto, pois ainda há dias estava a pensar como seria bom morar mais perto do trabalho. A viagem de uma hora está a tornar-se chata, e mesmo quando a empresa paga o táxi que me leva a casa sempre que fico até mais tarde, parece que demoro uma eternidade.

— Para mim, os londrinos a sério não moram a sul do rio — comenta ele. — Quer dizer, de onde estou posso chegar a pé à City.

— Hum... — Mordo o lábio para não encetar uma discussão com ele. Sinto-me agitada, depois de tantos martínis, mas vou repetindo para comigo que dali a minutos o comboio chega a Victoria e eu posso fugir.

— É verdade que as coisas ficaram mais fáceis com o metro de superfície, mas não é a mesma coisa, pois não? Pelo tempo que demoramos a entrar, mais vale viver em Surbiton ou Croydon.

Continua a perorar sobre os motivos por que eu deveria mudar de código postal, conversa que só intensifica o meu desprezo, pelo que o ignoro. Começo a pensar se não seria útil se o *Tinder* tivesse onde deixar críticas, estilo *Tripadvisor*. Já imagino os pontos altos — ou os baixos — que iria referir. *Pode parecer bem por fora, mas depois de cinco minutos de interrogatório — quero dizer, conversa — ficamos com vontade de ter passado em frente. Egocêntrico, egoísta e profundamente chato. Nem para um café.* Estou a atribuir-lhe mentalmente uma estrela (teve a gentileza de me impedir de pagar aquelas 1,35 libras a mais se tivéssemos dividido a conta ao meio) quando chegamos a Victoria. Aleluia.

— Olha, obrigada por... hum... — Tento acabar a frase. Não lhe posso agradecer pelo que comi ou bebi, pois fui eu que paguei, e não vou mentir a dizer que foi um serão agradável. — Pela companhia. — Embora também esteja a exagerar.

— Pois, certo, obrigado também — diz ele, agarrando-me o pulso para me dar um beijo. Baixo-me e ele roça com os lábios nas minhas faces, provocando-me um arrepio.

— Obrigada — consigo resmungar. Estou prestes a sair quando o ouço falar.

— Voltamos a marcar?

Olho para ele, sem querer acreditar. Estivemos no mesmo encontro? Foi ele que passou as pausas para cigarros a investigar novos encontros potenciais.

— Hum, não me parece... — Normalmente fico-me por aí, mas os martínis parecem ter-me deixado invulgarmente arrebitada.

— Não quero outro encontro, pois tenho a dizer que este terá sido, garantidamente, o pior encontro que já tive.

Bolas. Porque é que não invoquei a educação britânica que me permitiu aguentar o jantar? Podia ter dito «até breve» e depois ignorar-lhe as chamadas.

— Então, e qual é o meu problema? — pergunta ele tão alto que até as pessoas com auscultadores levantam a cabeça. — Deixa-me adivinhar, és demasiado alta para mim?

— Não, é claro que não — garanto-lhe, abanando a cabeça como se isso nunca me tivesse passado pela ideia. — Mas não houve química, não achas?

— Ah, estou a ver. Estás a dizer que «não és tu, sou eu». — Ele revira os olhos.

— Hum, nunca disse que não eras *tu*.

Dou-lhe a notícia a andar, mas sempre a olhar para ele, ansiosa por sair do metro e dar por encerrado este serão hediondo. Quando acabo de falar, viro a cabeça e faço menção de sair da carruagem, mas descubro que as portas já se fecharam e vou de encontro a elas.

— Esperem — exclamo, agarrando o nariz e batendo nas portas, na esperança de que elas me ouçam e se abram, como se fosse por magia. É claro que não ouvem, e o comboio segue viagem. Agarro-me antes que caia. Fico ali encurralada com o Dominic até à paragem seguinte.

Quando chego a casa, tenho a cabeça a latejar. Pode ter demorado só um minuto a chegar à estação seguinte, mas senti-me como se o metro tivesse ido até à Zona 6 e feito o caminho inverso, até finalmente pararmos em Sloane Square. Estou ansiosa por carregar o telemóvel e contar tudo à Erica, mas até isso me parece um esforço sobre-humano. Portanto, entro no quarto e desabo sobre a cama vestida, certa de que a combinação de cocktails, dor de cabeça e exaustão profissional me vão fazer apagar a qualquer momento...

#RaparigaFicaOffline

#PorquêEu

**Uma comédia romântica perfeita sobre o amor na era do píxel.**

Daisy Hobson é a típica rapariga cidadina que vive online. Conhece todos os filtros do *Instagram*, é *#hashtag-dependente*, partilha tudo o que faz e a relação mais duradoura que alguma vez teve foi com o seu telemóvel. Até que a obsessão pelas redes sociais faz com que seja despedida e publicamente humilhada.

Rosie, a irmã de Daisy, encontra a solução perfeita para o problema: uma desintoxicação digital na quinta dela, num lugar remoto no interior de Inglaterra. Que por acaso está a precisar de obras, pelo que toda a ajuda é bem-vinda.

Para Daisy, o detox é o inferno na terra. De que é que serve estar num sítio bonito se não pode partilhar as fotos com os seus 2236 amigos no *Facebook*? Mas eis que chega a distração perfeita: Alexis, um charmoso francês contratado por Rosie para ajudar nas renovações, e Jack, o vizinho quase eremita, que parece estar sempre no sítio certo para ajudá-la.

**Depois do escândalo que afastou Daisy da cidade, conseguirá ela habituar-se às relações sem filtros e voltar ao «normal»?**

«Perfeito para fãs de Sophie Kinsella.»  
*Take a Break*

«Uma história divertida e refrescante.»  
*Heat*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-94-4



9 789898 869944

Ficção Romântica